

Lorde, de João Gilberto Noll: sob um olhar da teoria do imaginário

Lorde, by João Gilberto Noll: a look under the theory of imaginary

Cibele Hechel Colares da Costa*

RESUMO: o foco do estudo é fazer uma leitura do romance *Lorde* (2004), de João Gilberto Noll, partindo da teoria do imaginário, por isso toma-se como base o teórico Gilbert Durand e, também, Gaston Bachelard. Nessa leitura duas temáticas são destacadas como pontos centrais de análise: o espelho e a degradação humana, buscando compreender, através da trajetória do narrador-protagonista, como ambas estão ligadas para dar significado ao romance intimista de Noll.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário. Romance brasileiro contemporâneo. João Gilberto Noll. Degradação. Espelho.

ABSTRACT: the study's focus is to make a reading of the novel *Lorde* (2004), by João Gilberto Noll, starting from the imaginary theory, so it becomes based on the theoretical Gilbert Durand and also Gaston Bachelard. In this reading, two themes are highlighted as analytical focal points: the mirror and human degradation, trying to understand, through the narrator-protagonist's trajectory, as both are linked to give meaning to the intimate romance of Noll.

KEYWORDS: Imaginary. Brazilian contemporary romance. João Gilberto Noll. Degradation. Mirror.

Durand (198?), em sua obra *Mito, símbolo e metodologia*, quando trata da *mitocrítica*, explica que esta é uma crítica que se aproxima da crítica literária, ou, em outras palavras, “crítica de um texto, crítica que tenta pôr a descoberto por detrás do texto, quer seja um texto literário ou mesmo o estilo de todo o conjunto de uma época – mas, em rigor, texto jornalístico – que tenta pôr a descoberto um núcleo mítico, uma narrativa fundamentadora.” (DURAND, 198?, p. 65-66). Assim toda narrativa tem um significado a ser descoberto e o teórico vai além ao afirmar que o texto *olha-nos* e esse olhar advém do núcleo do texto, o qual pertence ao domínio mítico.

Assim, ao aderir o pensamento durandiano para se fazer a leitura do romance de João Gilberto Noll, é possível descobrir os significados subjacentes no texto. Partindo desse princípio, objetiva-se, no presente ensaio, demonstrar como o espelho e a degradação humana estão postos na obra, em especial, através do narrador-protagonista, o que justifica-se pelo fato de a trajetória dessa personagem ser, basicamente, construída em cima desses elementos.

* Mestre em Letras, área de concentração História da Literatura, do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande.

Noll faz parte de um grupo de escritores sul-rio-grandenses que possuem uma temática voltada ao intimismo, ou seja, voltada aos aspectos psicológicos das personagens, o que fica perceptível na leitura desse romance, principalmente através do seu protagonista, um escritor e professor de Língua Portuguesa, que é também o narrador. Assim, pensando na nomenclatura para este tipo de narrador, tem-se um narrador-protagonista¹, pois consiste no desaparecimento da onisciência do narrador e, ainda, conforme Ligia Chiappini Moraes Leite, em sua obra *O foco narrativo*, (1989) “O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos.” (p.43), tal caracterização pode ser pensada para o narrador de *Lorde* (2004), visto que tem-se acesso a toda narrativa do ponto de vista apenas do protagonista, sempre limitado por seus sentimentos e impressões sobre os elementos que narra.

Ao observar a temática dessa obra o que se encontra é um sujeito que se desloca de sua cidade natal (Porto Alegre) com destino a Londres, porém sem saber ao certo o que o espera e, ainda, sem conhecimento dos motivos de sua contratação por um inglês, que recebe o brasileiro, quando ele chega a Londres. Pode-se, inclusive, considerar que o inglês é tutor do brasileiro, visto que é responsável pela sua estadia e pelo pagamento de uma bolsa para que ele se mantivesse na cidade. Percebe-se uma falta de rumo na vida das personagens, bem como profundos questionamentos existenciais, o que são características encontradas em romances a partir dos anos 1990.

Ao se pensar em espelho, nos textos literários ou nas obras de artes, geralmente se pensa no mito de Narciso², este que era um rapaz apaixonado por sua imagem desde o momento em que a viu refletida em um lago e nunca mais parou de se contemplar, não sai da frente do lago nem para se alimentar e por isso ali morreu. Bachelard (1997), em sua obra *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, trata brevemente

¹Leva-se em consideração a tipologia de Normam Frideman, a qual está contemplada no capítulo 2 da obra de Ligia Chiappini Moraes Leite, *O foco narrativo* (1989).

² Conforme Thomas Bulfinch (2006), na obra *Mitologia: história de deuses e heróis*, o mito de Narciso está diretamente ligado a história da ninfa Eco. Narciso era um belo rapaz, filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope, assim que ele nasceu seus pais consultaram o oráculo Tirésias para saber sobre o destino dele e a resposta foi que Narciso viveria por longo tempo, desde que nunca visse a própria face. Em sua juventude, muitas ninfas apaixonaram-se por ele, porém, o belo jovem não se interessava por nenhuma. A ninfa Eco não se conformou com a rejeição de Narciso e afastou-se para ficar em um lugar isolada, onde ela definhou até que somente restaram seus gemidos. As outras ninfas, também desprezadas, pediram aos deuses para vingá-las, principalmente a Eco que havia morrido por conta da indiferença de Narciso, assim Nêmesis apiedou-se delas e induziu Narciso, depois de uma caçada num dia muito quente, a debruçar-se numa fonte para beber água, dessa forma descuidando-se de tudo ao seu redor, ele contemplou-se nas águas que refletiam seu rosto, assim ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de si até morrer.

sobre tal mito e sua relação com o espelho (ou reflexo), mas considera sucinta sua explanação sobre Narciso, afirmando inclusive que seria necessário um livro inteiro para tratar de tal assunto, tamanha sua complexidade. A este respeito ele começa:

Não foi um mero desejo de fácil mitologia, mas uma verdadeira presciência do papel psicológico das experiências naturais que determinou a psicanálise a marcar com o signo de Narciso o amor do homem por sua própria imagem, por esse rosto que se reflete numa água tranqüila. Com efeito, o rosto humano é antes de tudo o instrumento que serve para seduzir. Mirando-se, o homem prepara, aguça, lustra esse rosto, esse olhar, todos os instrumentos de sedução. [...] Ao ser diante do espelho pode-se sempre fazer a dupla pergunta: para quem estás te mirando? Contra quem estás de mirando? Tomas consciência de tua beleza ou de tua força? Essas breves observações bastam para mostrar o cunho inicialmente complexo do narcisismo. (BACHELARD, 1997, p. 23).

Na obra *Lorde* (2004), de João Gilberto Noll tem-se a questão do espelho e da contemplação marcada desde os primeiros momentos do romance, embora não haja dentro do romance diretamente a comparação com o mito de Narciso. Levando em consideração as questões discutidas por Gilbert Durand, pode-se pensar neste momento na constante repetição de signo, pois é apenas com tal repetição que esse símbolo vai ultrapassar indefinidamente sua inadequação fundamental, porém de forma aperfeiçoadora com suas aproximações acumuladas, para que assim seja possível ao final da obra perceber o seu poder simbólico.

Os primeiros momentos do brasileiro, no apartamento em que estava instalado, o fizeram sentir falta de um lugar em que pudesse ver sua imagem refletida, visto que ele acabara de chegar a Londres, é possível que ele quisesse ver se a viagem já o havia modificado de alguma maneira. Como ele não localiza nenhum objeto para se refletir vai em busca dele nas lojas londrinas e encontra um espelho, na loja de artigos para salão de beleza, o qual ele julga ideal para se mirar. Este é um espelho ovalado e com cabo para segurar, lembrando espelhos de contos de fadas, tais como aqueles espelhos de tocador constantemente presente nos tocadores das princesas.

Onde eu estive o dia inteiro? Procurando um espelho, pois preciso constatar que ainda sou o mesmo, que outro não tomou o meu lugar. Se o posto de fato não me pertencer e tudo que vivi até aqui não passar de um equívoco, avalio que a Embaixada brasileira saberá medir o drama e me dar a passagem de volta para o Brasil. O homem certo, eficaz, translúcido, é este que aparecerá no espelho que ainda não usei. (NOLL, 2004, p. 24)

Observa-se, em seu discurso, que de fato ele quer ver sua imagem refletida para julgar se é ainda o mesmo que deixou o seu país em busca de algo, mas que não sabe exatamente o significado, inclusive ele cogita a hipótese de voltar ao seu país natal, fato que demonstra a insegurança desse sujeito e, também, o receio do que o novo país poderá lhe oferecer. A este respeito é possível retomar o pensamento de Schollhammer (2011) quando ele afirma que os personagens construídos por Noll estão, geralmente, em “processo de esvaziamento de projeto e de personalidade” (p. 32), por conta desse “esvaziamento”, talvez fosse no espelho que ele tivesse um local onde se ver e perceber suas mudanças, assim optando por fazer ou não algo com relação a esta mudança sofrida.

Após essa primeira mirada no espelho o narrador-protagonista chega à conclusão de que está bastante velho, chega a afirmar que já não se reconhecia de tanto tempo que havia passado e questiona o motivo pelo qual o inglês se interessava por este homem tão envelhecido. O ato de passar a mão na face e tentar limpá-la demonstra uma vontade de livrar-se do tempo acumulado que estava impresso ali na sua face e que o espelho refletia. Assim é possível pensar na definição que Jean Chevalier e Alain Gheerbrant atribuem ao espelho, em seu *Dicionário dos Símbolos* (1991), “o que reflete o espelho? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência” (p. 393).

Dessa forma é possível pensar que através do espelho o brasileiro tinha acesso à verdade sobre si e ela o perturba, pois ele vai buscar métodos de disfarçar a degradação que seu corpo sofre. Um desses recursos usado pelo narrador-protagonista para disfarçar sua degradação é a maquiagem, conforme relata: “Sim, ali achei uma loja de cosméticos. Eu precisava perder, entrar, pedir algum produto que me amenizasse as rugas, as marcas fundas entre o pouso das narinas e as pontas dos lábios. [...] O que não podia esquecer era da incógnita deles diante da minha aparência” (NOLL, 2004, p. 25). Nota-se que ele evita se mirar no espelho, antes de se maquiar, após adquirir o pó, ele parte para a maquiagem “Na frente do espelho percebi não haver o que esperar. Tirei a caixinha do bolso, retirei o estojo, abri-lo e passei a esponja lentamente pelas faces, testa. [...] Sei que eu me maquiava à perfeição.” (NOLL, 2004, p. 27) e essa busca da perfeição era o que o impedia de olhar-se no espelho sem ela, pois sem maquiagem ele não estava pronto para enfrentar aquele país estrangeiro.

Retoma-se ao pensamento de Bachelard (1997) para estabelecer uma breve comparação entre o narrador-personagem de Noll e o mito de Narciso, pois o teórico vai afirmar que “tanta fragilidade e tanta delicadeza, tanta irreabilidade impelem Narciso para fora do presente. A contemplação de Narciso está quase fatalmente ligada a uma

esperança. Meditando sobre sua beleza, Narciso medita sobre seu porvir.” (BACHELARD, 1997, p. 26), assim é possível refletir que o homem que se contempla no espelho, tal como Narciso faz nas águas, é um ser fragilizado, delicado e que, por vezes, beira o irreal, porém ao contrário de Narciso este homem não se julga belo, mas o inverso, ele acha que sua aparência não é agradável (julga-se uma pessoa com a idade muito avançada) e usa recursos para tornar-se mais jovem (e talvez belo).

Em busca de uma perfeição e de uma mudança física ele se monta, lembra um palhaço que se maquia e beira o grotesco, estando, após a maquiagem, pronto para fazer o seu espetáculo, assim ele chega a afirmar que “ninguém mais me reconheceria, já que tinha feito uma reforma em cima de alguém que eu mesmo começava seriamente a estranhar.” (NOLL, 2004, p. 27). Para corroborar com a referida comparação pode-se considerar o palhaço sob a perspectiva de Chevalier e Gheerbant (1991) os quais consideram essa figura como alguém com ausência de autoridade e capaz de despertar o riso, além disso, é considerado “como que o reverso da medalha, o contrário da realeza: a paródia encarnada.” (p.680). Após feita a maquiagem, diante do espelho, ele se julga menos velho, mas ainda assim sente necessidade de mais mudanças físicas, por isso pensa em pintar o seu cabelo de castanho-claro, dessa forma a maquiagem não foi suficiente para esconder o que ele gostaria, por isso recorre a outro meio de disfarce, nesse sentido, é como se ele fosse experimentando vários recursos capazes de o modificarem, sendo que isto corrobora a ideia de busca por uma identidade que percorre toda a narrativa.

Com o rosto e o cabelo pintados ele almejava ser alguém e buscava se reinventar na multidão de pessoas que aquela capital estrangeira comportava, na verdade, ele não conseguia fazer a diferença naquela multidão e, mais adiante, expõe que era essa sua vontade: fazer a diferença, ou ao menos fazer algo que pudesse contar quando voltasse ao seu país. Talvez, mas o que ele não queria era ir embora de Londres sem ter feito coisa alguma, pois assim não teria tido sentido algum a sua viagem.

O pacto que o narrador-protagonista estabelece com o espelho, logo após a ligação que recebe de Mark, uma das poucas personagens da obra com um nome de fato, é crucial para a leitura da narrativa. Tal pacto consiste em ele virar o espelho de costas, de modo que não possa ter nele seu reflexo e em troca ele ficaria querendo sempre mais da vida, assim tendo esperança de momentos felizes no futuro:

Farei um pacto com o espelho, murmurei desligando o telefone. Eu não me olho mais nele, e em troca fico assim, querendo sempre mais. Corri para o banheiro, peguei o espelho, e o pendurei ao contrário. Eu não teria mais face, evitaria qualquer reflexo dos meus traços. Cego de mim eu me aliviaria com

quem não se importasse com a minha cara. [...] Por via das dúvidas, e espelho continuava ali, voltado para o lado errado mas ali; e se precisasse fugir amanhã ou depois eu teria ainda como me olhar mais uma vez para lembrar quem levava comigo. (NOLL, 2004, p. 44)

Esse trato com o espelho é feito no instante em que o brasileiro procura outra pessoa para confiar, além do inglês, que até esse momento era uma das únicas pessoas com quem ele falava em Londres; com esta expectativa vai ao encontro de Mark, no apartamento deste. Ele não se desfaz do espelho apenas o vira, fato que aponta para a possibilidade de voltar a contemplar-se ali, conforme ele mesmo afirma, caso precisasse fugir e quisesse ver como era, quem levava com ele. Com tal pacto, mais uma vez ele se distancia do mito de Narciso, visto que este morreu observando sua imagem refletida nas águas, pois não conseguia parar de se mirar, enquanto o narrador-personagem do romance decide virar o espelho de sua casa e manter-se distante de todo tipo de reflexo, isto porque ele deseja ter esperanças e não ficar preso a sua imagem, tal como ocorre no mito de Narciso.

O brasileiro volta a mirar-se no espelho apenas quando encontra o homem que ele pensa ser capaz de mudar a sua vida, esse homem possui uma tatuagem no braço, e quando ele o conhece chega a conclusão de que se encontrou, ou que encontrou sua identidade, naquele momento. Leva o homem, que segundo o narrador-protagonista, chama-se George, para o seu quarto, no hotel (na cidade de Liverpool), e eles fazem sexo, ou seja, ele não precisa mais do ato solitário da masturbação, que até aquele momento ele realizava constantemente, agora ele tem alguém para dividir o momento da relação sexual. No dia seguinte a esse íntimo momento dividido com o homem, ele volta a se contemplar no espelho, visto que agora, com sua união a George, ele acreditava ter encontrado sua identidade e não tinha mais receio do que encontraria diante do espelho.

Em alguns momentos, George e o brasileiro se mesclam, numa atmosfera onírica, e que permite cogitar que na verdade os dois são uma só pessoa. Pode-se pensar que o brasileiro, ao chegar a Liverpool, encontrou o que buscava que era sua verdadeira identidade, isso por que é somente nessa cidade que ele quebra definitivamente o pacto com o espelho e resolve se mirar novamente. Nessa nova mirada ele consegue perceber aspectos tanto do seu exterior, quanto do seu interior, que em Londres ele não conseguia perceber; e os símbolos guiam esse trajeto de mudança na vida do narrador-protagonista. Por exemplo, a tatuagem que, em um primeiro momento, o brasileiro tinha avistado no braço de George, agora nesse novo contato visual ele vê no seu braço:

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adianta adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele. (NOLL, 2004, p. 109)

Ainda pensando nos símbolos que constroem uma atmosfera de mudança na vida desse brasileiro, existe uma transição das estações do ano, no decorrer na narrativa, pois o tempo que o brasileiro vive em Londres se passa durante o inverno, ou seja, uma estação fria, chuvosa, com pouco sol, pode-se dizer até sombria. Porém quando ele vai para a cidade de Liverpool começa a primavera, estação que ocorre depois do inverno e se caracteriza pelo sol, temperaturas amenas e o desabrochar das flores, assim, toda essa atmosfera de renovação e luz da estação primavera, de um modo geral, mostra a esperança de um novo começo esperado pelo narrador-protagonista.

Ele também se reconhece, enquanto um professor de Língua Portuguesa e que fala o seu próprio idioma e não o inglês, e até nesse momento George (ou o seu “eu” agora descoberto) o ajuda, conforme esse brasileiro mesmo diz “Eu sou professor de língua portuguesa, falei em português, claro, colado à imagem refletida daquele corpo agora solitário, com hálito de George que o espelho devolvia, mas o qual – ao contrário – me transmitia: sim, a mim, sílaba por sílaba ...”. (NOLL, 2004, p. 109), pois somente após seu contato com George surgiu a oportunidade de um emprego, naquele país estrangeiro, e sua nova atividade seria justamente lecionar aulas em que ele precisaria ensinar sua própria língua.

Ao final, após esse percurso envolvendo o espelho, em busca de uma identidade, o narrador-protagonista acaba em um cemitério e deita sobre um túmulo, mas tem-se também uma forte possibilidade de que esse narrador-personagem nunca tenha saído da sua cama de hospital, quando ele afirma que “quis deitar, fazer de George um morto em vida, fazê-lo resolver por mim essa parada. Eu ficaria ali enquanto a consciência perdurasse, relutando, pois essa é a tarefa maior da consciência: dizer não em meio à deserção. E a partir de agora vai ser mesmo assim. Ou justamente o oposto...?” (NOLL, 2004, p. 110), tal leitura é possível, também considerando que o narrador-protagonista seria o próprio George, o que foi anteriormente mencionado, essa afirmação pode ser corroborada pelo fato de não ser mencionado (ou afirmado) o nome o narrador-protagonista em nenhum momento da narrativa, deixando em aberto essa possibilidade.

O túmulo enquanto símbolo, no dicionário de Chevalier e Gheerbrant (1991), remete ao símbolo da montanha e “cada túmulo é uma réplica modesta dos montes sagrados, reservatórios da vida. Afirma a perenidade da vida, através das suas transformações” (p. 915). Indo além na definição que os autores citados atribuem a este símbolo, eles apresentam uma associação feita pelo psicanalista Jung ao túmulo, enquanto um arquétipo feminino, sendo um lugar da segurança e do nascimento, também do crescimento e doçura do ser humano, bem como um lugar de metamorfose do corpo em espírito ou ainda do esboço de um renascimento. Para o narrador-personagem do romance pode-se pensar em muitas dessas definições, mas a de um esboço de renascimento parece uma das mais claras, visto que ele não obteve um renascimento de fato. Nesse momento final do romance, o brasileiro atinge também seu momento epifânico de identidade, visto que ele pensa obter, mesmo que momentaneamente, a identidade que vinha procurando desde sua chegada a Londres.

Visto a trajetória do narrador-protagonista diante do espelho, é importante também, para a leitura do romance, observar os aspectos de degradação do corpo desse homem. Destaca-se que muitos desses aspectos são percebidos ainda enquanto ele se reflete no espelho, mas outros não ficam claros em momentos que o espelho não está, ao menos diretamente, presente nos espaços em que o protagonista se encontra.

Ao ficar doente, o brasileiro é conduzido pelo inglês ao médico, sem ele ao menos saber qual doença possuía, nesse momento ele começa a perder o poder sobre seu próprio corpo e a sua decadência só vai aumentando com o passar do tempo. Os sinais de degradação física passam a serem maiores do que apenas um rosto envelhecido diante do espelho, pois começam a se estender pelo seu corpo todo, partindo do fato de ele não conseguir sequer segurar sua própria saliva. Mesmo com sinais de degradação ele se compara a um touro, animal que remete à ideia de irresistível força e arrebatamento, bem como a um macho impetuoso e, enquanto símbolo pode ser pensado como a força criadora, conforme definições do dicionário de Chevalier e Gheerbrant (1991), é, ainda, referenciado pelo narrador-protagonista que se compara com o deus Apis:

Foi quando entrei no Museu Britânico. (...) E me encantei talvez pela menor imagem do Museu, minúscula. Apis, o deus que é touro. Exatamente o que eu era diante de todos aqueles ingleses que queriam me adoecer. Agora sim eu me via num espelho de verdade, eles não poderiam comigo. Não precisava mais dos espelhos dos banheiros públicos, nem do meu próprio em casa, eu era Apis, poderia andar a pé por toda Londres se assim me apetecesse – passar por cada ruela, rondar por todos os parques e jejuar, como eles não sabiam mais fazer. (NOLL, 2004, p. 36-37)

Esta comparação com um animal tão forte e viril, como o touro, pode também estar relacionada ao modo como o brasileiro gostaria que as pessoas o vissem, principalmente os estrangeiros, com todas as virtudes que este animal, em geral, possui. Por outro lado a imagem de Apis (o deus que é um touro) que ele relata ver no museu é minúscula, talvez fosse como ele próprio sentia-se diante da cidade de Londres, poderoso, porém ainda pequeno.

Voltando à questão da degradação do corpo, esse narrador-protagonista quando internado no hospital, esquece de mirar-se em um espelho, para verificar como estava sua aparência, mas o maior receio dele era ver se havia ou não retomado a feição que deixara no Brasil, por isso essa preocupação com a sua aparência.

Tudo me incutia a impressão de uma taverna medieval: um azedume no ar, os corpos cheiravam mal, principalmente o meu que não conhecia mudança de roupa havia um tempo inenarrável. A minha genitália coçava, o peito, o couro cabeludo ainda teimosamente ardido pela tintura. Ah, tinha me esquecido de verificar em algum espelho a minha aparência, se eu continuava aquele mesmo que já mudara tanto, se já era outro, ou se enfim o hospital me reconstituíra as antigas feições que eu deixara no Brasil. (NOLL, 2004, p. 38)

Com sua apreensão de uma possível mudança, tem-se a sensação que este narrador-protagonista está em coma, ou talvez com alguma doença mental capaz de deixá-lo em estado de delírio, o que pode ser possível, visto que ele assume estar doente e seu corpo dá sinais de decadência, física e mental, constante:

Salvo e babando. Talvez esse descontrole salivar não apresente solução. Sim, agora estou sendo olhado por todos no *pub*, bem como eu ambicionava. Já não porque tenha derrubado o coo e estive a ponto de ser estrangulado. Mas porque babo e tenho o desplante de mesmo assim frequentar *pubs*. Eu poderia perguntar: o que faz de mim esse homem sem decoro cívico para uma noite com possíveis companheiros de copo? Eu poderia perguntar mas não pergunto por uma única razão: nada disso terá importância amanhã, quando puder viver a vida desse homem que ainda jaz lá no leito do hospital de Bloomsbury, que lá ficou enquanto eu dei essa escapada movido pelas más intenções da enfermeira. Lá jaz um pedaço de mim que parou, sem pensamento para controlar o mundo nem o que vai dentro dele, pedra à espera. (NOLL, 2004, p. 38-39)

Ele distrai o leitor e desvia o foco dessa questão onírica, como se ele estivesse em um sonho, que é importante e está posta em outros momentos da obra também, e volta aos sintomas da degradação corporal que vão aumentando à medida que o romance avança. Fluidos corporais, como sangue e sêmen, são constantemente trazidos à tona, para corroborar com a degradação do corpo desse homem que vai se desfazendo a cada dia.

Ao buscar uma possibilidade de leitura para atribuir sentido ao que esses fluidos corporais e suas cores (vermelho e branco) podem sugerir dentro do romance, encontra-se no dicionário de Chevalier e Gheerbrant (1991) algumas considerações interessantes. Por exemplo, quanto ao sangue expõem que “é universalmente considerado o veículo da vida. *Sangue é vida*, se diz biblicamente. Às vezes, é até visto como o princípio da geração.” (p. 800), também relatam que está diretamente ligado ao vermelho que é:

universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho, o vermelho [...] possui, entretanto, a mesma ambivalência simbólica destes últimos, sem dúvida, em termos visuais, conforme seja claro ou escuro. (p. 944)

Sendo assim é possível considerar que o sangue, enquanto fluido bastante presente na narrativa, está provavelmente relacionado com a nova vida e nova identidade que o brasileiro buscava naquele país estrangeiro.

Enquanto que o sêmen, conforme apontado por Chevalier e Gheerbrant (1991) “simboliza a força da vida, e a vida humana só pode descender daquilo que caracteriza o homem: seu cérebro, sede de suas faculdades próprias”. (p.813), e a cor branca, a qual corresponde a este fluido corporal, é vista por eles como:

uma cor de passagem, no sentido a que nos referimos ao falar dos ritos de passagem: e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam as mutações do ser [...] morte e renascimento. (p.141)

Desta forma o sêmen pode ser pensado como a força que movia seus instintos pela vida, inclusive isso pode ser corroborado pelo fato de sempre em momentos que ele sentia-se fraco masturbava-se, pois era através desse ato que o sêmen emergia, dando-lhe, talvez, essa força que ele necessitava para permanecer vivo. A cor desse fluido (o branco) está a ligada as mutações de morte e de renascimento, ou seja, ela acompanha a angústia do narrador-protagonista nos momentos em que ele está completamente degradado física e mentalmente, assim próximo de uma possível morte, mas ao mesmo tempo ele buscava um renascimento.

A decadência do narrador-personagem pode ser percebida também em dois momentos: um deles quando este rasteja e sente o seu próprio vômito e o outro ao falar também dos filhos que nasceram de sua masturbação, ato sexual solitário que é constantemente realizado por ele, em diversos momentos da narrativa.

Inclusive é interessante observar que o seu órgão sexual é o único membro em seu corpo que não decai ao longo de seu trajeto de quedas, mesmo quando ele está totalmente

debilitado seu membro permanece ereto e sua libido mantida, fato que está ligado a significação do sêmen, conforme já citada anteriormente, como uma força de vida:

Antes que o sono me abatesse brinquei com meu pau. Ele era um caso à parte de meu corpo: sempre disposto a querer mais. Verdade que se diga: tinha sido bem lavado – não cheirava mal, nada nele se indispunha. Fazia tanto tempo que eu não sabia o que era ter sexo com alguém. Ou não? Levantei sem grandes dificuldades assim. (NOLL, 2004, p. 77)

Assim percebe-se que seu órgão sexual destoava de todo restante do seu corpo que, por vezes, tinha mau cheiro e não se dispunha a nada, ele chega a precisar da ajuda do inglês para erguer seu corpo e, quando está no hospital, fica totalmente entregue aos cuidados do inglês, deixando de ser dono de seu próprio corpo e ficando sob os cuidados daquele homem ainda desconhecido:

O inglês continuava me limpando, agora implicava com alguma casquinha que não queria sair entre o saco e o cu, e ali ele passava com os dedos a espuma de um material de limpeza de banheiro, como se eu fosse feito realmente de um cascão de bicho, desse bicho a que eu tanto aspirava a ser enquanto ele me esfregava a glândula enxovalhada, o cu empedernido. Então eu voltava para a árvore desfolhada, para o céu que jamais se abria, e deixava o homem com roupa de guerra mexer nas minhas partes qual quisesse ordenhar um remédio do meu sêmen. (NOLL, 2004, p. 75)

Nesse momento, o inglês era objeto de devoção do brasileiro, ele desejava ficar para sempre em Londres, pois se sentia de certa forma, seguro ao lado daquele inglês que tão pouco ele sabia sobre, mas para quem ele havia entregado as partes mais íntimas de seu corpo. Porém ocorre uma inversão de papéis entre o brasileiro e o inglês, isso se dá quando o brasileiro percebe que o inglês é igual a ele e toda a devoção que ele lhe dava, enquanto estava sob seus cuidados no hospital, agora se esvaía, chegando ao ponto de ele referir-se ao inglês com um tom pejorativo, bem diferente de como o vinha fazendo até esse momento. O ápice é quando ele confronta o inglês sobre o motivo de ele estar lá e o que pretendia ele daquele ponto em diante, assim, nesse momento o brasileiro é quem conduz o inglês, à medida que ele percebe a fraqueza desse homem que anteriormente lhe parecia tão forte:

Começo até a desconfiar de que esse homem perdeu a argamassa que o mantinha duro, esquisito, oblíquo. Vai ver iniciou a cair de amores por mim, só isso, e quer tão-só me acompanhar, para que mais? Vai ver é o rapaz da minha vida e chega só agora, quando nem o espelho mais quero olhar. Isso acontece, à beira do Tâmis, e com um puta luar. (NOLL, 2004, p. 84)

Um símbolo que passa a intermediar a relação entre o inglês e o brasileiro, que estão à beira do Tâmsa, é um manto que, em princípio, é utilizado pelo brasileiro e depois ele o coloca nos ombros do inglês. O manto, conforme Chevalier e Gherbrant (1991), quando é entregue a alguém essa pessoa, que doa seu manto, está doando a si mesmo, esse ato pode significar um gesto de caridade. O brasileiro faz isso com o inglês, pois sente piedade dele, ao perceber que ele não está bem, tanto que em seguida o inglês comete suicídio, se jogando nas águas no rio Tâmsa.

Após essa leitura da obra *Lorde* (2004), de Noll, ficam claras as características do intimismo presente nessa obra, como, por exemplo, a busca constante de uma identidade, uma narrativa voltada para o “eu” do protagonista, uma individualização do ser humano, tanto que um dos mitos com que é possível estabelecer comparação é Narciso, universalmente conhecido por sua individualidade, visto que ele passa grande parte de sua vida observando seu reflexo nas águas.

Conforme Durand (1988), a redundância é uma das principais características do símbolo, no caso do romance em análise, o espelho foi a imagem ressaltada, visto que a mesma é uma constante repetida ao longo de todo romance. Por isso, ao ler este romance, é possível refletir sobre o papel que ele tem sobre o narrador-protagonista, pode-se pensar nele como o responsável pelo simbolismo da incessante busca dele por sua identidade, sua existência, pois enquanto ele estava diante da sua imagem refletida ele buscava perceber quais eram, se existiam, mudanças em sua identidade.

Também a repetição de fluidos corporais, como o sangue e o sêmen, remete à ideia de vida e/ou renascimento, na qual o narrador-protagonista estava em busca naquele país estrangeiro, tais referências são feitas. Geralmente, nos momentos em que se percebe a decadência física e moral que o brasileiro sofre em Londres, visto que tal degradação diminui quando ele vai para o interior da Inglaterra (Liverpool) e lá ele pensa ter de fato se encontrado. Ao final do romance quando ele vai ao cemitério e fica diante de um túmulo tem-se o fechamento dessa ideia de vida e renascimento, visto que o túmulo está ligado à perenidade da vida e ao esboço de um renascimento que ele parece ter procurado ao longo da narrativa. Conforme mencionado anteriormente, é nesse momento que ele atinge o momento epifânico de sua identidade.

Ao final da leitura desse romance, é preciso lembrar que o narrador protagonista era, além de professor de Língua Portuguesa, um escritor com uma quantidade

considerável de livros publicados, alguns até traduzidos. Embora no momento presente da narrativa parecesse não ter certeza do seu papel, naquele país estrangeiro, e tão pouco desempenhava alguma atividade relevante. Levando isso em consideração, pode-se pensar que em determinados momentos ele justifica o motivo pelo qual ele construiu a presente narrativa “Um dia não terei ninguém para contar esse episódio de hoje, nem eu alcançarei tal dia. E por que essas horas de agonia em Londres deveriam ser guardadas para a posteridade? Nevava, isso era tudo.” (NOLL, 2004, p. 73), dessa forma, pode-se perceber que ele escreve para guardar aqueles momentos vividos no exterior, embora não tenha bem certeza se eles deveriam mesmo ser guardados, mas o fato é que ele opta por registrá-los, isto reforça a ideia de renascimento e, possivelmente, de uma perpetuação da vida através da sua obra escrita.

Referências

- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença. 1989.
- DURAND, G. **Mito, símbolo e metodologia**. Lisboa: Presença, [198 -].
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- LEITE, L. C. M. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- NOLL, J. G. **Lorde**. São Paulo: Francis, 2004.
- ZILBERMAN, R. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

Artigo recebido em: 15.08.2014

Artigo aprovado em: 16.11.2014